

**BUSCANDO ENTENDER E (RE)SIGNIFICAR OS AFETOS DE MULHERES EM
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Aline Daniele Hoepers, (Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Eduardo Augusto Tomanik, (Prof. Dr. no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: alinedanielehoepers@hotmail.com

Este texto visa trazer discussões relacionadas a uma pesquisa de mestrado, em andamento, que objetiva conhecer, analisar e (re)significar os afetos vivenciados por mulheres em situação de violência doméstica. Para tanto, esta pesquisa tem como intuito compreender de que modo esses afetos são construídos, expressos e adquirem sentido para essas mulheres, como também problematizar a noção de vitimização associada a elas. Parte-se da compreensão de que a violência doméstica contra a mulher é um fenômeno complexo e multifacetado. Portanto, conhecer e analisar os afetos vivenciados por mulheres acometidas por violência no âmbito doméstico nos possibilita buscar a compreensão dos processos de subjetivação inerentes a essa categoria psicossocial, contribuindo para a (re)significação desses afetos. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Minayo (2007, p. 21), “(...) trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Tal abordagem foi escolhida pelo fato de estar mais próxima da compreensão do modo como se desenvolvem os processos afetivos de sujeitos imersos em contexto em que ocorrem modos violentos de relacionamentos. Este estudo abarca pesquisa bibliográfica e de campo. Quanto à pesquisa de campo, que ainda será desenvolvida, buscar-se-á efetivar a “(...) pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2008, p. 42). Para colocá-la em prática, serão realizadas entrevistas e encontros grupais com mulheres que participam do Serviço de Acompanhamento a Mulheres em Situação de Violência Doméstica, desenvolvido na sede de Cianorte da Defensoria Pública do Estado do Paraná. Quanto ao estudo bibliográfico, este texto apresentará alguns resultados, obtidos até o presente momento, das análises desta parte da pesquisa, buscando trazer algumas discussões sobre os afetos de mulheres que são acometidas por violência doméstica, como também sobre

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

as representações sociais que atravessam as relações de gênero. A partir da análise dos aportes teóricos, compreende-se que os padrões societários reforçam e contribuem para o processo de perpetuação de noções que convocam o homem a assumir papéis que reafirmam sua superioridade em relação à mulher, o que culmina com a naturalização das dinâmicas de domínio e poder, favorecendo formas violentas de agir no contexto doméstico. A violência doméstica contra a mulher, de acordo com Morgado (2013), não é um fenômeno restrito ao âmbito das relações interpessoais, mas sim um processo macro e micropolítico, que se desenvolve em escala societal e interpessoal. Apesar de alguns avanços no que tange aos direitos das mulheres, os estereótipos de gênero e poder ainda se fazem marcadamente presentes em nossa sociedade. Sendo assim, “a divisão dicotômica dos gêneros produz relações de violência e exploração entre homens e mulheres” (CFP, 2012, p. 58). Nas relações em que a violência doméstica se faz presente, ocorre a presença de sentimentos e comportamentos contraditórios, já que, conforme Morgado (2013, p. 260), “as relações de violência comportam, ao mesmo tempo, momentos de violência, sedução, afeto, presentes, arrependimentos, dentre outros”. Assim, o comportamento que alterna afetos e violências nutre-se, dentre outros fatores, pelos sentimentos de ambivalência vividos por estas mulheres. Os afetos são processos relacionais complexos. Na presente pesquisa, concebe-se que estamos em contato com os afetos da mesma forma em que estamos em contato permanente com o mundo, isto é, os afetos são processos relacionais. Esse entendimento tem como base a perspectiva apresentada por Agnes Heller acerca da Teoria dos Sentimentos. Heller (1993) explica que sentir significa estar envolvido com algo, sendo que esse algo pode ser outra pessoa, um conceito, eu mesmo, um problema, um processo, uma situação, outro sentimento. A autora salienta que aquilo que nos afeta não necessariamente precisa ter existência concreta. Tomanik (2015) pontua que os afetos são os efeitos produzidos em cada ser humano, por seus contatos com o mundo, com seus semelhantes e até consigo mesmo. Os afetos são processos relacionais, ainda que sejam vivenciados de forma pessoal, visto que sentimos por que algo nos afeta. Destaca, ainda, que na medida em que estamos permanentemente em contato com tudo que nos cerca, somos continuamente afetados. As representações sociais é um dos aspectos que permeia a forma como os afetos se estabelecem, assim como, dialeticamente, os afetos atravessam a formação das representações sociais. Conforme Moscovici (2007), as representações sociais podem ser conceituadas como formas de conhecimento e de interpretação da realidade comuns aos integrantes de cada um dos grupos sociais dos quais

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

fazemos parte. Possuem, segundo o autor, a função de transformar um objeto não familiar em familiar, isto é, as representações que produzimos são resultado do processo de tornar algo não comum em algo conhecido. De acordo com Abric (2000), a partir da teoria das representações sociais, não existe separação entre o universo externo ou objetivo e o universo interno ao sujeito, pois a representação é tudo aquilo que é subjetivamente (re)construído e (com)partilhado. É com base nessas concepções de afetos e representações sociais que esta pesquisa vem sendo desenvolvida e que tem buscado entender, analisar e (re)significar afetos e representações que podem estar contribuindo com a noção da mulher em situação de violência doméstica como vítima estanque ou com a superação dessa visão. O estudo teórico desta pesquisa tem constatado que ao determinar à mulher o papel de vítima, acaba-se por incorrer no risco de retirar desses sujeitos a percepção de que são capazes de construir, individual e coletivamente, possibilidades de enfrentamento quanto à violência vivida e de romper com esses processos violentos. Segundo Morgado (2013), as histórias de violência doméstica contra a mulher não deveriam ser entendidas como exclusivamente decorrentes do fenômeno histórico de sua subordinação nas relações de gênero, porque, ao fazê-lo, coloca-a como vítima estanque, contribuindo para que ela própria passe a se perceber como vítima. Entende-se, portanto, que ao circunscrever a mulher em situação de violência doméstica apenas como vítima, além de tal ideia ser perpetuada socialmente, a própria mulher passa a se perceber como apenas aqueles elementos negativos nela projetados. Sendo assim, esse processo de vitimização coloca a mulher em um papel de objeto de uma ação de um outro. Apesar de ser um sujeito complexo e composto de vários elementos, esta mulher acaba sendo esvaziada e significada apenas como receptora de um ato violento. Nesse viés de pensamento, Saffioti (1997, p. 70) afirma que se vitimizar significa “perceber-se exclusivamente enquanto objeto da ação, no caso da violência, do outro. (...) Os homens dispensam a mulheres um tratamento de não-sujeitos e, muitas vezes, as representações que as mulheres têm de si mesmas caminham nessa direção”. Cerruti e Rosa (2008) afirmam que ainda há uma perspectiva bastante difundida que define o masculino como agressivo e o feminino como passivo, reproduzindo uma lógica adversarial que confere à mulher a posição de vítima de circunstâncias desfavoráveis, aprisionando-a num lugar de objeto. Destacam que essa posição reduz as possibilidades de “análise política, social e subjetiva do fenômeno da violência de gênero, assim como paralisa homens e mulheres na elaboração e superação dos conflitos” (p. 1050). Por tudo isso, esta pesquisa de mestrado tem se estruturado na direção de contribuir

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

com o debate acerca da desconstrução da visão dicotômica vítima-agressor, que coloca a mulher como vulnerável, frágil e, portanto, vítima. Conclui-se que a mulher em situação de violência doméstica é um sujeito que tem uma história, não se reduzindo apenas às marcas da violência vivida. Por meio da análise dos afetos e das representações sociais presentes nestas relações atravessadas por violência doméstica, buscar-se-á ampliar as discussões, aqui propostas, através da pesquisa de campo, almejando trazer contribuições para a desconstrução de alguns estereótipos de gênero e poder que ainda perpassam as relações e abrem campo propício para a expressão da violência doméstica contra a mulher, como também para a (re)construção de outras possibilidades que vislumbrem estas mulheres como sujeitos.

Palavras-chave: Violência. Afetos. Representações.

Referências

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: A. S. P. MOREIRA; D. C. OLIVEIRA (Orgs). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: A. B. Editoras, 2000.
- CERRUTI, M. Q; ROSA, M. D. Em busca de novas abordagens para a violência de gênero: a desconstrução da vítima. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 8, n. 4, dez 2008.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência*. Brasília: CFP, 2012.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- HELLER, A. *Teoria de los Sentimientos*. 3. ed. México: Editorial Fontamara S. A., 1993.
- MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MORGADO, R. Mulheres em situação de violência doméstica: limites e possibilidades de enfrentamento. In: GONÇALVES, H. S.; BRANDÃO, E. P. *Psicologia Jurídica no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2013.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SAFFIOTI, H. I. B. Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. In: KUPSTAS, M. (org.). *Violência em debate*. São Paulo: Moderna, 1997.
- TOMANIK, E. A. *Procurando conhecer e entender emoções*. In: VI CIPSI – Congresso Internacional de Psicologia da UEM, 2015, Maringá. Anais do Congresso Internacional de Psicologia da UEM. Maringá: UEM, 2015.